Oxidany/Globo



Edu Lyra, da ONG Gerando Falcões: "Empreender é uma missão"

Mudar o mundo

Duda Falcão pontua que o nicho de empreendedorismo das edtechs deve ir além da realização pessoal de um fundador ou de um grupo investidor. Segundo ela, deve representar uma forma de promover mudança social no país. "Em outras palavras, empreender em educação é ter a missão e ter a possibilidade real de mudar o Brasil", afirma a empresária, que coordena o empreendimento educacional em diversos estados do país e no Distrito Federal, nos colégios Sigma e Ideal.

A constatação da empresária está alinhada às conclusões do relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que apregoa que investir nas edtechs é uma das formas mais eficazes de promover "um sistema educacional forte e resiliente, essencial para uma região onde os níveis de desigualdade são os mais altos do mundo".

"As edtechs têm papel fundamental no Brasil ao falar de desigualdade crônica. Ao chegar no ensino médio, então, começamos a ter indicadores onde ficamos atrás até da média da América Latina", aponta Duda. Ela afirma que as empresas educacionais "democratizam a educação" por oferecer soluções para problemas educacionais antigos, receber capital para oferecer bolsas para quem não pode pagar os estudos e proporcionar educação tecnológica e mercadológica para adultos — a forma mais rápida de equipar a chamada força de trabalho para diminuir o desemprego e a pobreza.

Edu Lyra, fundador da ONG Gerando Falcões, que promove educação e assistência social nas favelas do Rio de Janeiro, concorda com a missão social do empreendedorismo educacional. "Empreender é uma missão, é responder qual é o problema que você quer resolver no mundo", declarou ele, no Festival LED. "Se existe tecnologia para mandar alguém para Marte e fazer com que Elon Musk prometa colonizar esse planeta até 2054, existem maneiras de erradicar a desigualdade social. E educação é a principal maneira de fazer isso", frisa.

Divulgação



Descomplica é a maior empresa de educação on-line do país e oferece planos a preços pupulares em seus cursos e bolsas para estudantes em situação de vunerabilidade econômica

Formação a distância para o Enem

Há 11 anos, a edtech Descomplica inaugurou o setor de tecnologia educacional com foco na educação a distância, visando o atendimento a estudantes do ensino médio. A ordem foi garantir acesso a cursinho preparatório para vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com dinamismo e a qualidade de grandes instituições de ensino. "O máximo de educação a distância que a gente conhecia era a televisão, com os telecursos. Empreender em educação era um negócio no país, mas não havia as edtechs", explica o diretor executivo de aprendizagem do Descomplica, Rafael Cunha.

Idealizado por Marco Fisbhen, fundador e CEO da startup, o Descomplica figura no relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) como a maior empresa de educação on-line do Brasil. A ideia, segundo ele, é oferecer educação de qualidade para pessoas de baixa renda e atacar o problema histórico da desigualdade no acesso à educação.

"Em 2011, um cursinho pré-vestibular nesse nível custava em torno de R$ 2 mil. Hoje em dia, seria muito mais. Naquela época, oferecemos o Descomplica por R$ 5,90 por mês. Era uma diferença brutal, e com professores super gabaritados", lembra Cunha. Neste ano, a startup passou a oferecer planos de até R$ 19,90 e bolsas para estudantes em situação de vulnerabilidade social.

A startup adotou o *edutainment*, um design de aprendizagem que mescla o ensino com entretenimento. "A ideia é fazer com que o conteúdo seja materializado em elementos do cotidiano, como forma de ser mais absorvido pelo aluno", detalha Cunha. O resultado, segundo ele, é um alto desempenho nos exames vestibulares: alunos, bolsistas e não bolsistas, obtêm, em média, notas 8% a 31% mais altas ao se prepararem com o Descomplica.

Divulgação



Nathália Kelday investe em educação profissional para adolescentes

Inovação brasiliense

Em 2020, a administradora de negócios Nathália Kelday, 33 anos, decidiu usar o conhecimento obtido em gestão e empreendedorismo educacional para criar uma edtech que proporcionasse desenvolvimento pessoal e profissional de adolescente para resolver problemas sociais.

O resultado foi a criação da Edstation, uma startup brasiliense de ensino não formal que oferece, em um curso de seis meses a um ano, capacitação em empreendedorismo tecnológico. Voltada para alunos do 7º ao 9º ano, a edtech oferece 15 módulos de ensino remoto, nos quais os participantes são estimulados a criar soluções inovadoras para responder um problema do mundo. "Eles passam por uma jornada de ideação, validação e lançamento de uma startup de verdade que ganha dinheiro", detalha Kelday.

Todo o processo é feito em equipe, uma forma de fazer com que o desenvolvimento social dos estudantes seja estimulado, e é acompanhado por um psicólogo. Ao fim, afirma Kelday, os estudantes se formam mais empoderados e conscientes. "Trabalham em projetos, desenvolvem competências socioemocionais, se libertam do livro didático e vivem uma lógica de mercado de trabalho ainda no ensino básico. Isso é educação do século 21. Oferecer isso era meu objetivo desde o começo", declara a empresária.

(A repórter viajou a convite da Globo)